

O PAPEL DO PESQUISADOR NAS PESQUISAS QUALITATIVAS: TECENDO ALGUMAS REFLEXÕES

Nadja Daniella Oliveira¹
María Margarita Villegas²
Fredy Enrique González³
Simone Maria da Rocha⁴

RESUMO

Este artigo discorre sobre o Papel do Pesquisador nas Pesquisas Qualitativas, levando em conta sua subjetividade. Iniciamos destacando as motivações em abordar essa temática, quais questões nos inquietam e fazem refletir. A partir disso, como objetivo nos propomos examinar a presença explícita do pesquisador nas pesquisas qualitativas. No que se refere aos caminhos metodológicos, situa-se na pesquisa qualitativa e o referencial teórico está organizado em três tópicos: A natureza das Pesquisas Qualitativas (Texeira e Pacheco, 2004; González, 2008/2020; González e Villegas, 2009; Lara e Molina, 2011; Morin, 2015), onde revisamos o significado da expressão “pesquisa qualitativa, PQ” assumindo que nela é incluído um amplo conjunto de abordagens, perspectivas, metodologias, que buscam compreender e interpretar problemáticas socio-educacionais. No segundo tópico, intitulado O Sujeito na Pesquisa Qualitativa, (Araújo, Oliveira e Rossato, 2016; Silva e Cappelle, 2013; Passeggi, 2016/2021; Villegas e Hernández, 2017; González, 2020/2021), se faz uma reflexão sobre o lugar epistemológico e a subjetividade do pesquisador e outros envolvidos na pesquisa. Em seguida, no terceiro tópico, O Pesquisador na Pesquisa Qualitativa: qual o seu papel? (Pezzato, Botazzo e L. Abbate, 2019; González, 2020; Araújo, Oliveira e Rossato, 2016; Jr Phillipe e Fernandes, 2015; Morin, 2015), discorreremos sobre o perfil de um pesquisador qualitativo. Por fim, o trabalho apresenta algumas reflexões e considerações sobre a temática abordada.

Palavras-chave: Pesquisas Qualitativas, Sujeito, Subjetividade, Papel do Pesquisador.

INTRODUÇÃO

A escolha de abordar essa temática surgiu das aulas de pesquisa qualitativa no mestrado (POSENSINO). A cada leitura e debate, surgiram inquietações e um desejo de compreender melhor o papel do pesquisador nesse tipo de pesquisa. Percebi que as pesquisas qualitativas pertencem a um universo amplo, focando em questões humanas e sociais, onde abordagens quantitativas não são adequadas. Compreendi que essas

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Ensino – POSENSINO (UERN-UFERSA-IFRN), nadja-caraubas@hotmail.com;

² Pesquisadora Colaboradora do POSENSINO (UERN-IFRN-UFERSA), margarita.ufersa@gmail.com;

³ Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática-UFOP, fredy.gonzalez@ufop.edu.br;

⁴ Doutora em educação. Professora do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Professora Permanente do POSENSINO (UERN-IFRN-UFERSA), simone.rocha@ufersa.edu.br

pesquisas vão além de um simples método, oferecendo múltiplos caminhos para interpretar temas de caráter social e educacional.

Durante esse percurso, percebi que meu conhecimento sobre pesquisas qualitativas era superficial, entendendo-as apenas como um método ou técnica. Mesmo realizando pesquisas qualitativas, acreditava que não podia me colocar na pesquisa, inclusive a escrita era sempre em terceira pessoa, falava de objeto, mesmo pesquisando sobre o humano, me preocupava em apresentar explicações e/ou resultados. Com a apresentação de uma nova concepção sobre pesquisas qualitativas, comecei a reconstruir minhas percepções, reconhecendo a amplitude e complexidade desse tipo de investigação.

À medida que aprofundávamos as discussões nas aulas, meu interesse pelo tema cresceu, revelando muitos aspectos novos sobre as características das pesquisas qualitativas. Percebi que elas não seguem um padrão ou modelo único, mas valorizam a flexibilidade em seu percurso investigativo. Isso gerou várias curiosidades e indagações sobre o assunto: qual o papel do pesquisador na pesquisa qualitativa? Por que o pesquisador é considerado o principal dispositivo na pesquisa qualitativa? Quais atitudes e posicionamento o pesquisador qualitativo deve assumir? Como deve ser a abordagem, a comunicação com os sujeitos participantes?

Esses questionamentos me motivaram a buscar referências teóricas e me aprofundar no tema das pesquisas qualitativas. Assim, busco expandir meu conhecimento e refletir sobre minhas antigas concepções, que estavam baseadas em uma visão positivista, mesmo acreditando estar realizando pesquisas qualitativas.

O Positivismo de acordo com Bicudo (1994 apud Teixeira; Pacheco, 2004) entende que a ciência é constituída por conhecimentos comprovados, interligados com a lógica e a racionalidade. Esse pensamento conduz a elaboração de problemas a serem investigados e a metodologia, os métodos/técnicas para analisá-los.

Dito isto, é de fundamental importância compreendermos a lógica do conhecimento positivista, pois esta retrata a formação intelectual dos educadores no Brasil, assim como, o marco da criação do pensamento científico (Teixeira; Pacheco, 2004). À medida que exploramos os métodos e fundamentos do conhecimento científico, percebemos que as explicações e técnicas do passado não atendem à realidade atual. O mundo em que vivemos é altamente imprevisível e instável (Teixeira; Pacheco, 2004).

Por esses e outros motivos, há muitas críticas em torno do positivismo, pois não se trata de explicar os fenômenos sociais, mas, sim, buscar compreender, buscando sentidos e significados para estes. Entendendo que o mundo não é previsível, nem

instável, ao contrário, vivemos em um mundo dinâmico, mutável, onde a certeza que se tem, é a presença constante das incertezas.

Diante do exposto, como objetivo nos propomos examinar a presença explícita do pesquisador nas pesquisas qualitativas.

AS PESQUISAS QUALITATIVAS

Para iniciarmos essa discussão, apresentamos o conceito de Pesquisa na visão de González: “[...] é uma busca disciplinada de informações, feita por alguém, com base na qual pode propor uma resposta a qualquer pergunta que por algum motivo você está preocupado ou interessado em elucidar (2008, p. 43). O autor nos faz refletir que a pesquisa é uma atividade que faz parte do nosso dia a dia, praticamente desde que nascemos, na medida em que sempre estamos em busca de informações sobre aquilo que nos inquieta dentro do nosso meio, para direcionar nossas ações.

Uma das primeiras atividades de um pesquisador, é a formulação da problemática a ser investigada. Essa etapa é dividida em (3) três momentos (González; Villegas, 2009): Momento da contextualização (onde se concentra o problema, estabelecer o contexto da problemática de pesquisa) onde se reflete e se elabora as questões da investigação; Momento da conceitualização (referencial teórico) nesta etapa se revisa as teorias, as concepções, enfoques, que fundamentam a pesquisa; e Momento da metodologia (instrumentos, métodos, técnicas) fase em que se toma as decisões sobre o percurso metodológico da investigação. Esses momentos estão interligados e são importantes para qualquer tipo de pesquisa, especialmente, para as de abordagem qualitativa.

Contudo, destacamos que o enfoque deste artigo são as pesquisas qualitativas, de origem ontológica, que abordam questões relacionadas ao ser, referem-se a assuntos sociais e educacionais. Vale ressaltar que quando mencionamos pesquisa qualitativa nos referimos a um amplo conjunto de abordagens, perspectivas, metodologias, técnicas, que buscam compreender/interpretar questões/problemáticas educacionais ou sociais, na qual vivenciam e/ou por algum motivo se interessam por investigar (GONZÁLEZ, 2020).

Nesse sentido, a expressão pesquisa qualitativa não deve ser compreendida com caráter uno, mas polissêmico, na medida em que se refere a diversas formas de indagações e construção do conhecimento no contexto humano/social. Destacamos, dois aspectos a serem considerados: as particularidades da pesquisa qualitativa e os tipos de investigação (LARA; MOLINA, 2011).

Sobre as particularidades: as pesquisas qualitativas se concentram na compreensão e interpretação do sujeito, buscando extrair sentidos da ação humana, enquanto as quantitativas focam no objeto e na relação causa-efeito, buscando explicações e resultados. Além disso, as qualitativas abordam questões singulares que não devem ser quantificadas, conforme destacado por Minayo (2007).

Já sobre os tipos de investigação: entendemos que existem diferentes caminhos metodológicos para se investigar a problemática que nos propomos pesquisar dentro do viés qualitativo. A visão de método/metodologia é compreendida como um caminho que vai sendo tecido em paralelo à construção do pensamento dos pesquisadores, ao longo da pesquisa, ao invés de ser interpretado como um conjunto de instrumentos, métodos, caminhos fixos a seguir (Morin, 2015).

Vale ressaltar também que apesar da dimensão metodológica ser muito importante, não deve ser a única a ser considerada, sobre isso, nos apoiamos na Abordagem Pentadimensional de González (2005), trata-se de um esquema conceitual que aborda as cinco dimensões que fundamentam uma pesquisa: às dimensões visões ontológicas, epistemológicas, metodológicas, teleológicas e axiológicas. Com relação a ontologia (o que da pesquisa) está se manifesta no problema de pesquisa; os aspectos epistemológicos (quem e que) se refere a relação entre o sujeito de pesquisa e o assunto que estuda; a dimensão metodológica (como) ocupa-se em estabelecer a disciplina, os caminhos, as formas como a pesquisa será conduzida, onde se estabelece o tempo, o lugar e os instrumentos a serem utilizados; já as dimensões teleológicas (os fins específicos/por que pesquisar) concerne a justificativa da investigação; e a dimensão axiológica (por que) diz respeito às motivações, ao porquê do interesse no assunto, ao valor atribuído a pesquisa pelo sujeito pesquisador (González, 2008).

O SUJEITO NA PESQUISA QUALITATIVA

Nas Pesquisas Qualitativas a ênfase não é no objeto, mas sim no sujeito. Nesse sentido é importante frisar que ao longo do tempo o conceito de sujeito, assim como de conhecimento foi sendo modificado. Além do mais, a subjetividade passou a ser percebida como fundamental na construção do conhecimento.

As abordagens atuais indicam uma ideia de sujeito como sistema aberto e complexo. Nesse sentido, o sujeito passa da compreensão do mental/material, do que é fixo/eterno, para ser entendido como fenômeno mutável/finito (Araújo; Oliveira; Rossato,

2016). “O conhecimento passa a ser visto como um trabalho de interpretação e de atribuição de sentidos que leva a marca do interpretante” (Araújo; Oliveira; Rossato, 2016, n.p). Assim, o sujeito pesquisador apoiado na sua subjetividade a partir do seu lugar epistemológico, produz conhecimentos.

De acordo com González (2020), o lugar epistemológico do pesquisador refere-se à sua visão de mundo, influenciada por suas vivências e formação. Assim, pesquisadores qualitativos optam por estudar temas do cotidiano e problemas que ressoam com suas realidades e interesses, que tenham uma relação direta com a área investigada.

Outro ponto a ressaltar, é que cada sujeito tem seu lugar epistemológico, embora, nem sempre tenha consciência disso, assim como, a subjetividade está presente em cada um de nós. Mas o que seria então a subjetividade? Como ela se constitui? Para Silva; Cappelle (2013), de acordo com a Teoria da Subjetividade de Gonzalez Rey, a Subjetividade se apresenta na dialética entre o social e o individual. Portanto esta não pode ser compreendida como um fenômeno individual, já que se constitui nesses dois níveis (social /individual) simultaneamente. Já para Passeggi (2021) a subjetividade é constituída por três dimensões:

A terceira dimensão da subjetividade é o sujeito empírico, que vive a experiência de forma concreta. A segunda dimensão é o sujeito epistêmico, que busca racionalidade e explicações para dar sentido à vida. Já a terceira dimensão, que se refere ao sujeito autobiográfico, integra e metaboliza as experiências existenciais e racionais. A autora propõe (re)conceitualizar o sujeito da experiência, usando a metáfora da folha de papel ou da moeda, enfatizando que o sujeito da experiência é sempre o anverso das outras dimensões, e que não se pode desvincular uma dimensão sem afetar as demais.

Percebemos a partir das contribuições dos autores citados, que a subjetividade não se limita ao individual, mas se forma nas relações sociais e nas reflexões sobre seus significados. Dito isto, é importante considerar o espelho duplo da subjetividade, que incluem o sujeito participante (sujeitos da pesquisa) e o sujeito pesquisador (o próprio pesquisador), assim, através dessa compreensão e de uma relação dialógica (implícita ou explícita) entre esses sujeitos que se constitui a pesquisa qualitativa (Araújo; Oliveira; Rossato, 2016).

No que se refere a relação dialógica entre o pesquisador e os sujeitos participantes da pesquisa, Villegas; Hernández (2017, p. 110/111) constata que “a Investigação Dialógica (ID) como instância de produção de conhecimento a partir da Prática se manifesta como uma oportunidade para os professores [...] construir saberes”. Além de constituir uma oportunidade para a dimensão socioafetiva das relações humanas. Outro

aspecto interessante que as autoras enfatizam, é a respeito da relevância dos participantes da investigação dialógica desenvolverem habilidades para ouvir, fazer perguntas e observar.

Dito isto, o perfil de pesquisador de que iremos tratar neste ensaio, se assume como um sujeito pensante, que interage, interpreta, sente e expressa interesse pelo assunto pesquisado. Ou seja, o sujeito pesquisador assume um lugar privilegiado, pois pode expressar e exercitar a sua subjetividade e plenitude (González, 2020; Araújo; Oliveira; Rossato, 2016). Esta característica das pesquisas qualitativas foi um dos pontos que mais me chamou à atenção, o pesquisador poder expressar a sua subjetividade, poder e dever estar próximo de seu interesse de estudo, imerso e implicado com toda sua subjetividade. E entendendo que a ciência não é neutra, não dá para se afastar e não colocar nossa carga de subjetividade dentro de uma investigação.

Somos sujeitos completos e complexos, dessa forma, como vamos fragmentar o sujeito? Tipo assim, agora que você está diante de sua pesquisa, num processo de investigação, você guarda toda sua bagagem, esquece o seu lugar epistemológico e assume uma postura de neutralidade. Embora alguns acreditem que isso é possível, para mim é uma utopia. Pois somos uma construção histórica, sociocultural, somos o resultado de todas as nossas vivências e experiências. Seria então, o mesmo que dizer que podemos separar nosso sujeito singular do nosso sujeito social.

Sobre esse assunto, destaco que me chamou a atenção quando dialogamos sobre “subjetividade social” nas aulas de Pesquisa qualitativa, a partir do texto das autoras Silva e Capelle (2013), que aborda a Teoria da subjetividade e a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey. Para este autor, citado pelas referidas autoras, a subjetividade social deixa de ser vista como externa ao indivíduo e passa para a compreensão de que o homem representa um sujeito singular e ao mesmo tempo um sujeito social. Assim o indivíduo constitui e é constituído simultaneamente de subjetividade social, dentro de um sistema complexo. Dessa forma, fiquei refletindo sobre o quão importante é valorizarmos cada história de vida, pois cada história singular, representa de certa forma, uma história social.

Assim sendo, consideramos necessário introduzir e refletir sobre mais dois conceitos que Passeggi (2016) aborda: Sujeito Epistêmico e Sujeito Biográfico.

Sujeito Epistêmico, é entendido como o sujeito do conhecimento, aquele capaz de conhecer e refletir. Já o Sujeito Biográfico é o Sujeito do Autoconhecimento, capaz de conhecer-se e refletir sobre si mesmo. Nós enquanto sujeitos biográficos somos capazes de conhecermo-nos e refletirmos sobre nossa vida, sobre nossa própria natureza

(Passeggi, 2016). Além disso, esse tipo de abordagem nos permite construir conhecimento socialmente legitimado a partir da nossa história de vida e/ou das narrativas de sujeitos participantes da nossa pesquisa. Na minha concepção, quando chegamos ao estágio do autoconhecimento, assumimos um momento de libertação, de amadurecimento, de uma compreensão mais elevada.

Ao longo desse tópico quisemos apresentar alguns conceitos de sujeitos, entendendo que somos um sujeito de muitas faces. Um sujeito que é simultaneamente, histórico, sociocultural, biográfico, epistêmico, entre outros. Pois cada um de nós somos a construção do coletivo, mas, ao mesmo tempo somos o que ressignificamos dessas vivências, influências, interações e experiências. É no ato de ressignificar que introduzimos nossa marca própria. Sobre essa ideia de que somos singulares e ao mesmo tempo coletivos (sociais), destacamos a Teoria Dialética da Construção Social da Realidade de González (2021, p. 11), o princípio básico desta teoria é que:

Entre a realidade individual e a social existe uma relação dialética; o individual (coletivo) cria a realidade social; mas, esta realidade social, objetivado, ele cria o indivíduo. A relação entre o homem (produtor) e o mundo social (produto) é dialética; o homem (não isolado, mas em comunidade) e o mundo social interagem; o produto retorna agir sobre o produtor; a sociedade é um produto humano, é uma realidade objetiva; então o homem é um produto social.

Essa teoria reforça a ideia que o sujeito singular constitui e é constituído pelas relações sociais, pelo coletivo. Numa relação dialética indissociável.

O PESQUISADOR NA PESQUISA QUALITATIVA: qual é seu papel?

Para iniciar esse tópico de discussão, é importante entendermos o que é um dispositivo. Pezzato, Botazzo e L'Abbate (2019) destacam que é relevante refletir sobre a multiplicidade de sentidos desse termo, assim como, sua dispersão no universo científico.

Ao fazer uma busca no dicionário online de português, percebe-se diferentes significados para a palavra dispositivo, tais como: “Aparelho ligado ou adaptado a instrumento ou máquina, que se destina a alguma função adicional ou especial; Mecanismo, peça, instrumento capaz de acionar uma ação”.

Fazendo uma comparação desses significados com nosso interesse de pesquisa, entendemos que o instrumento, o mecanismo, representa o pesquisador, que percorrendo diferentes caminhos, se dispõe a cumprir sua função: investigar sobre seu assunto de

interesse, sobre suas inquietações, buscando compreender os sentidos e significados da ação humana.

Dessa forma “[...] é a partir do dispositivo que se põe algo em funcionamento e que se criam situações que articulam elementos heterogêneos, acionando modos de funcionamento que produzirão certos efeitos” (Pezzato; Botazzo; L’Abbate, 2019, p. 301). É o pesquisador como peça principal na pesquisa que faz tudo funcionar, responsável por captar, compreender, interpretar as informações advindas dos sujeitos pesquisados, criando estratégias que interligam as heterogeneidades numa relação de sentido, para gerar conhecimentos legítimos.

Assim, quando nos referimos ao pesquisador como dispositivo: “[...] estamos assumindo-o como alguém que tem disposição, que está disposto para gerar conhecimentos, desenvolvendo pesquisa, sobre algum assunto de seu interesse” (González, 2020, p. 162). Devemos nos atentar ao que nos inquieta, nos motiva para a realização de uma investigação e assumirmos assim o compromisso com a produção de conhecimento, de forma disciplinada e implicada.

Vale ressaltar, que o sujeito/pesquisador e acontecimento/pesquisado estão interligados, em uma unidade inseparável, apoiada na subjetividade do pesquisador, considerado como o principal instrumento para ter acesso à informação importante para responder a problemática de pesquisa, encontrando sentidos e significados nas questões sociais e humanas que se propõe pesquisar (González, 2020). Neste contexto, um dos maiores desafios do pesquisador qualitativo é lidar com “[...] o espelho duplo da subjetividade na construção do conhecimento em pesquisa [...] em que se inclui o *sujeito participante da pesquisa* e o *sujeito pesquisador*” (Araújo; Oliveira; Rossato, 2016, n.p).

Já que a subjetividade está presente no pesquisador, mas também nos sujeitos de sua pesquisa, isso torna as investigações qualitativas altamente sensíveis, desafiadoras e complexas. Então quando pensamos sobre a complexidade desse fazer científico, lembramos do que nos diz Morin (apud Jr Phillippe; Fernandes, 2015, p. 53) sobre a complexidade:

[...] a um primeiro olhar a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) composto por elementos heterogêneos indissociáveis. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico.

Relacionando o conceito de complexidade de Morin com o sujeito e sua subjetividade, entendemos que este é formado por muitas singularidades, mas, com a influência do coletivo, do social. Ou seja, não dá para separar o todo das partes, o que isso quer dizer? Nossa subjetividade é construída nas relações/interações com o outro, com nossos pares. E cada um de nós carrega muito dos nossos semelhantes, demonstra que nosso sujeito singular está totalmente interligado com nosso sujeito social (González, 2020). E é a combinação de nossas vivências, experiências, valores, cultura, entre outros aspectos, tanto no contexto social quanto no particular, que nos faz ser quem somos.

Nesse sentido, o sujeito singular e o sujeito social são indissociáveis, caminham lado a lado. E nossa história singular resume uma história social, na medida em que, muitos dos aspectos de nossa vida particular/singular retratam contextos e realidades sociais.

Baseado nesse pensamento de que o sujeito e os fenômenos que ocorrem no mundo são complexos, interligados, Morin (2015) faz uma crítica a ciência moderna, que se apoia no pensamento disciplinar positivista, que não considera o conhecimento como complexo, que acredita que pode ter o controle das variáveis, que torna tudo simplista, afastando as incertezas. Ao contrário disso, Morin: [...] não somente reconhece a presença inevitável de desordem e de eventualidade nos fenômenos, mas reconhece, igualmente, a presença incontrolável da questão da incerteza no conhecimento, fato que representa para o autor, “o fim do saber absoluto e total” (Jr PHILLIPE; FERNANDES, 2015, p. 53).

Diante o exposto, percebemos o quão desafiador é o papel do pesquisador qualitativo, este precisa estar realmente disposto, imerso e implicado em sua pesquisa. Deve-se reconhecer que quando nos voltamos para o sujeito como principal foco de nossa pesquisa, estamos trabalhando com um universo complexo, sensível e permeado de subjetividade. Nesse sentido, a postura do pesquisador é de fundamental importância, suas atitudes durante todo o processo de investigação.

METODOLOGIA

Este texto resulta da experiência no Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO – UERN/UFERSA/IFRN) na disciplina Tópicos Especiais em Ensino I, ministrada por Maria Margarita Villegas Graterol e Fredy Enrique González. Durante as aulas, realizamos escritos baseados nos textos discutidos, e ao final, fomos convidados a

elaborar um ensaio com o tema que mais nos chamou a atenção, dessa forma, surgiu o tema: O Papel do Pesquisador nas Pesquisas Qualitativas.

A formulação da problemática da pesquisa passou por três momentos (González; Villegas, 2009): o primeiro foi a contextualização, onde estabelecemos o contexto da problemática; o segundo, a conceitualização, que envolveu a construção do referencial teórico; e, por fim, o momento da metodologia, onde definimos o percurso metodológico da investigação. Esta pesquisa se insere na abordagem qualitativa e se fundamenta na Abordagem Pentadimensional de González (2005), que explora as cinco dimensões que sustentam uma pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O artigo discute o papel do pesquisador nas pesquisas qualitativas, enfatizando sua subjetividade e a complexidade dessa relação. As pesquisas qualitativas visam compreender experiências humanas por meio de diversas abordagens e metodologias, com foco em contextos sociais e educacionais. Nesse contexto, a subjetividade do pesquisador é vista como um enriquecimento da pesquisa, pois a interação entre o pesquisador e os participantes resulta na co-construção do conhecimento, valorizando diferentes vozes.

Além disso, o perfil do pesquisador qualitativo exige habilidades como empatia, escuta ativa e reflexividade. A ética desempenha um papel fundamental, garantindo uma representação justa dos participantes e reconhecendo a influência do pesquisador no processo investigativo.

Assim, o estudo destaca que a presença do pesquisador é essencial para a construção de conhecimento significativo. É vital manter uma postura ética e reflexiva, promovendo um diálogo respeitoso com os sujeitos da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção deste artigo, ampliei meu entendimento sobre pesquisa e refleti sobre minha formação como pesquisadora, que foi alicerçada em uma visão positivista. Antes, tinha uma visão restrita das pesquisas qualitativas, mas, após as aulas com os professores González e Villegas, passei a compreender sua amplitude, características e complexidade.

O papel do pesquisador qualitativo é desafiador, pois, ao investigar temas humanos, sociais e educacionais, é fundamental que ele elimine preconceitos, saiba ouvir e compreenda a investigação como um processo sensível, incluindo a linguagem não verbal e o silêncio. Além disso, deve prezar pela ética e demonstrar comprometimento com a pesquisa. Embora tenha a oportunidade de expressar sua subjetividade, o pesquisador enfrenta o desafio de lidar com a subjetividade tanto sua quanto dos participantes, o que torna as investigações qualitativas complexas.

Por fim, há uma necessidade crescente de novas pesquisas que explorem essa riqueza e complexidade, contribuindo para um entendimento mais profundo das experiências humanas. A pesquisa qualitativa enriquece o campo acadêmico e valoriza as vozes e histórias dos sujeitos envolvidos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cláudio Márcio; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos; ROSSATO, Maristela. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: desafios da investigação dos processos de desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 33, p. 1-7, nov. 2016.

GONZÁLEZ, F. E. Uso del enfoque pentadimensional en el análisis interno de productos escritos de investigación. **Revista Educação em Questão**, v. 23, n. 9, p. 7-15, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=563959955002> Acesso em: 21 out. 2024.

GONZÁLEZ, F. E. Apuntes para una crítica pentadimensional de la investigación socioeducativa. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 32, n. 18, p. 40-78, maio-ago. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5639/563959964002.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique; VILLEGAS, Maria Margarita. Cómo elaborar proyectos dialogica. **Revista Multidisciplinaria Dialógica**, Maracay, v. 6, n. 1, p. 93-111, jun. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346446812_2009_COMO_ELABORAR_PROYECTOS_DIALOGICA. Acesso em: 21 out. 2024.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 8, n. 17, p. 155-183, 2020. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/322> Acesso em: 21 out. 2024.

GONZÁLEZ, F. E. Los métodos etnográficos en la investigación cualitativa en educación. **Paradigma**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 07-40, 2021. Disponível em: <http://revistaparadigma.online/ojs/index.php/paradigma/article/view/1089>. Acesso em: 29 jul. 2023.

LARA, Ângela Mara de Barros; MOLINA, Adão Aparecido. Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. *In*: TOLEDO, César de Alencar Arnaut; GONZAGA, Maria Teresa Claro. **Metodologia e técnicas de pesquisa**: nas áreas de ciências humanas. 21. ed. Maringá: Eduem, 2011. p. 6-272. Disponível em: http://old.periodicos.uem.br/~eduem/novapagina/?q=system/files/Liv-Cezar_1a.pdf. Acesso em: 17 jul. 2023.

MINAYO, M. Cecília (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, [S.l.], v. 41, n. 1, p. 67, 23 mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.18593/r.v41i1.9267> Acesso em: 21 out. 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**, Bahia, v. 17, n. 44, p. 93-113, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018/5528>. Acesso em: 29 jul. 2023.

PEZZATO, Luciane Maria; BOTAZZO, Carlos; L'ABBATE, Solange. O diário como dispositivo em pesquisa multicêntrica. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 296-308, 2019.

PHILLIPE JUNIOR, Arlindo; FERNANDES, Valdenir. **Práticas da interdisciplinaridade no ensino e pesquisa**. Barueri: Manole, 2015.

SIGNIFICADO de dispositivos. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/dispositivos/> Acesso em: 21 out. 2024.

SILVA, K. A. T.; CAPPELLE, M. C. A. A Teoria da Subjetividade e a Epistemologia de Gonzalez Rey como Possibilidade Teórico-Metodológica nos Estudos de Administração. *In*: ENCONTRO DO ENSINO E PESQUISA NA ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 4. **Anais...** Brasília, DF – 3 a 5 de novembro de 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ67.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2023.

TEIXEIRA, Rubens França; PACHECO, Maria Eliza. Pesquisa Social e a valorização da abordagem qualitativa no curso de Administração. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 12, n. 1, jul. 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268313426.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

VILLEGAS, María Margarita Graterol; HERNANDEZ, Ligia Mercedes Caamaño. La Indagación Dialógica (ID): una estrategia para la co-formación de docentes en servicio. **Rev. Esc. Cienc. Educ.**, Rosario, v. 1, n. 12, p. 97-113, jun. 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2362-3349201700010007&lng=es&nrm=iso Acesso em: 29 jul. 2023